

O CENTENÁRIO DE ANTONIO AUGUSTO (*)

Prof. ANDRADE FURTADO

Há uma lógica imanente na sucessão dos acontecimentos.

O centenário de nascimento do preclaro e inesquecível professor dêste instituto de ensino jurídico, dr. Antônio Augusto de Vasconcelos, representa como que primícias da comemoração do meio século de existência da nossa querida e veneranda Faculdade de Direito.

Falar da fundação desta Escola de alta cultura é relembrar o homem que ligou o seu patrimônio intelectual e a sua ilustração humanística a êste seminário onde se têm formado gerações sucessivas de sacerdotes da Justiça e da Lei.

Antônio Augusto de Vasconcelos cursou a velha e gloriosa Academia do Recife, onde bebeu a doutrina substancial a que se prende a sua obra apostolar de missionário da Verdade e da Virtude.

Posso trazer, aqui, o meu testemunho de aluno e, ainda, o meu depoimento de colega, a respeito da trajetória luminosa do prezadíssimo e eminente mestre, através do seu itinerário pelo magistério superior, neste Templo do Saber.

Foi exemplo de pontualidade no cumprimento das obrigações

(*) Discurso pronunciado por ocasião da comemoração do centenário de nascimento do professor Antônio Augusto de Vasconcelos, na sessão solene da Faculdade de Direito, realizada a 23/12/1952.

funcionais e bem pesava a relevância moral da grave e nobre tarefa de transmitir à mocidade o fogo sagrado do amor à instrução, do culto ao bem, da primazia dos valores éticos.

As suas lições elevavam a cátedra à dignidade de um púlpito. Traçava aos discípulos diretrizes mentais que tanto enalteciam os seus sentimentos de patriotismo e de fé.

Foi sempre irreduzível barreira às idéias extraviadas do caminho do bom senso e da sã razão.

A sua ortodoxia, no campo da Ciência, era o reflexo da sua cerebração robusta, esclarecida à luz da filosofia perene.

Por onde passou ficaram os rastros fulgurantes das suas iniciativas idealistas e do seu vivo pendor para a causa da educação e do aprimoramento cívico da mocidade.

Formado em Pernambuco, no ano de 1880, recebeu das origens históricas do vetusto convento de Olinda aquilo que poderíamos chamar, numa alusão, em todo o ponto procedente, o influxo das tradições beneditinas daquele alcandorado mosteiro, pois foi sob o tecto da abadia primitiva, que, por assim dizer, nasceu a famosa Universidade da capital nortista.

Por aí se vê que a sua inspiração de disseminar, por tóda a parte, o gosto das pesquisas minuciosas e percucientes veio das ligações entre o sentido das coisas divinas e das coisas humanas.

Nomeado promotor da comarca de Canindé, voltou as vistas para o âmbito do ensino popular, na cidade do Patriarca de Assis, predestinada a ser um centro de ótimos colégios, a serviço da pobreza dos nossos sertões castigados periòdicamente pelas sêcas.

Removido para Granja, fundou ali um jornal, uma escola popular e um gabinete de leitura.

Promovido, logo mais, a juiz de Aracatí, também lá despertou, no meio social, o incentivo pelas preocupações da alfabetização infantil e participou da brava jornada em prol da emancipação dos escravos.

Transferido para Pereiro, instalou naquela cidade um salão

literário e uma escola noturna.

Abandonando, então, a magistratura, retornou a Fortaleza, dedicando-se à profissão do ensino, para a qual sempre sentiu irresistível atração.

Dirigiu, mais tarde, a Biblioteca Pública e pertenceu ao corpo docente da Escola Militar, fundada, em Fortaleza, em março de 1889, último ano da Monarquia.

Regeu naquele estabelecimento tão famoso, na Província, a cadeira de História, com aplaudida proficiência, impondo-se entre os estudantes pelo brilho das suas preleções e segurança dos seus conceitos.

Em 1896, foi nomeado professor de Geografia do tradicional Liceu do Ceará.

Na afirmação eloqüente dos fatos, Antônio Augusto de Vasconcelos foi educador emérito, que percorreu tôdas as etapas do ofício, desde o preparo primário da infância, através dos cursos que ministrou nas cidades sertanejas e das aulas de humanidades, nos colégios particulares e oficiais, até os esplendores da cátedra nos institutos de grau superior.

«Tôda a sua vida—conforme ficou bem assinalado, com justiça, em seu necrológio na «Revista do Instituto»—foi uma expressão de confiança nos destinos superiores da inteligência humana.

Estudar sem tréguas, apreender tôdas as formas do pensamento e, depois, transmitir seus conhecimentos e opiniões no círculo dos amigos e discípulos constituia a sua grande satisfação mental.

Sôbre qualquer questão, mas principalmente sôbre os problemas concernentes à filosofia moral, à história geral, à sociologia, das quais se fizera proecto conhecedor, era um encanto ouvi-lo discorrer.

Pode-se dizer que o ensino ocupou a sua vida inteira, tendo nesse mister despendido as suas melhores energias.

Como Agapito dos Santos, José de Barcelos, Monsenhor

Bruno de Figueiredo, êle foi um grande mestre de humanidades, que honraria qualquer meio culto.

Tinha, contudo, sôbre êsses a vantagem de um idealismo, que era a própria essência do seu espírito e que sabia comunicar com o fulgor de uma eloquência incomum.

Era Antônio Augusto um orador de raça, porventura o maior do seu tempo, no Ceará.

Dotado de imaginação poética e de excelente memória, gostava de entretecer a sua palavra com o sortilégio das lendas e dos exemplos históricos, forjando imagens ao calor de um entusiasmo vigoroso e de benéfico otimismo.

A sua linguagem era espontânea e colorida, saindo-lhe dos lábios cadenciada e rica de entonações,

A voz era forte, cheia e sonora, o vulto simpático, o gesto longo e dominador.

Havia, talvez, muito romantismo na sua eloquência, revelando uma cultura literária ainda ligada aos cânones de 1830, o que não diminuia a beleza dos seus discursos, nem o poder idealístico dos seus propósitos, mas contrastava, evidentemente, com o utilitarismo mental da nossa época.

Se o ensino foi a grande predestinação dêsse nobre espírito, a sua mais viva ambição e do qual fazia menos uma profissão do que um apostolado, a eloquência foi a sua grande arma intelectual, arma radiosa e bela como um prêmio divino».

Segundo assinalámos, ao escrever a notícia da sua morte, em 10 de Março de 1930, o dr. Antônio Augusto de Vasconcelos foi um dos nomes de maior relêvo dessa passada, opulenta geração clássica, pela sua solidez e profundidade de cultura, qualidades que, a pouco e pouco, vão rareando em nosso cenário atual.

Além disto, o talento de escol, que Deus lhe deu, esteve sempre a serviço do engrandecimento moral da nossa terra.

Orador imaginoso e vibrante, valia-se da palavra mágica para enaltecer as glórias das nossas magníficas conquistas espirituais.

Quem a êle assistiu, jamais esqueceu o discurso memorável, pronunciado no Forum de Fortaleza, pelo Joaquim Nabuco cearense, na solenidade da aposição, no recinto do Júri, da imagem de Jesus Crucificado.

Os surtos da sua eloquência arrebataram a multidão e constituíram um dos triunfos oratórios mais assinalados e reconhecidos, em nosso meio intelectual.

Quando se erguia uma opposição à idéia, por parte dos pretensos espíritos fortes da época, quando se notava, aqui e ali, a timidez do respeito humano, a sua oração foi um desafio à ignorância e à incredulidade, sobretudo uma lição desassombrada de autêntico civismo e de reconhecimento da missão civilizadora do Cristianismo.

Teve, inalteravelmente, o amor às causas santas e a paixão do Bem.

Mesmo nas palestras íntimas, nos torneios das rodas familiares, sabia expandir o calor da sua alma, inflamada no mais sadio entusiasmo, pelos empreendimentos nobres e generosos.

Nas aulas, representou o papel insigne de condutor da juventude para as alturas do Pensamento.

A elegância das suas atitudes, a retidão dos seus postulados, a clareza didática da sua linguagem corrente e tersa fizeram do dr. Antônio Augusto de Vasconcelos protótipo perfeito do bom professor.

Foi na cátedra de Mestre que fomos encontrá-lo, em nosso primeiro contacto, cercado da veneração dos lentes e dos alunos, dadas as suas proporções excepcionais de jurista e de literato.

A essência doutrinária das suas preleções era transmitida em estilo de uma magnificência escultural, oriunda do seu claro gênio latino.

Dos acadêmicos daqueles tempos áureos da nossa Escola Jurídica, os velhos catedráticos, quase todos fundadores de tão colenda instituição de ensino universitário, recebiam a merecida ho-

menagem do maior respeito e admiração.

Tomaz Pompeu de Sousa Brasil, Paulino Nogueira, Francisco de Assis Bezerra de Menezes, Sabino do Monte, Raimundo Ribeiro, Eduardo Salgado, Virgílio de Moraes, Álvaro de Alencar, Soriano de Albuquerque, José Bonifácio da Silva Câmara, Graco Cardoso, Eduardo Saboia e tantos outros expoentes da alta cultura em nosso Estado despertavam nos moços a esperança de um futuro alvissareiro.

Via-se, então, no estudo acurado e porfioso, o caminho a seguir para alcançar as posições de honra e de relêvo.

O dr. Antônio Augusto de Vasconcelos era, entre todos, porventura, o modelo fascinante a imitar, desde que nascera pobre, em Maranguape, e subira, sozinho, com sacrifício, à custa do esforço próprio, até o elevado posto que atingira.

Ainda acadêmico, em 1879, casara em Pernambuco com d. Cesária Barreto Carneiro Leão.

O lar encheu-se de uma prole numerosa e ilustre, que foi o consolo da sua velhice, o prêmio das suas labutas incessantes, a dignificação de uma família fidalga, que tanto enalteceu os créditos morais e mentais do nosso Estado.

D. Júlia de Vasconcelos foi erudita e exímia professora, na antiga Escola Normal de Fortaleza, e ocupou com brilho uma poltrona do «Instituto do Ceará».

Carlos de Vasconcelos, notável engenheiro civil e escritor de pulso, deixou da sua passagem, no imenso vale da Amazônia, trabalhos da mais reconhecida valia para os interesses da Nacionalidade.

Fêz levantamentos geográficos e traçou divisas no rio Purus e no Acre, defendendo o direito dos seringueiros à propriedade das suas terras.

Artur de Vasconcelos, sumidade clínica na Capital da República, nome que se impôs, no País e na Europa, como expoente da Ciência e líder da sua classe, era o médico dos médicos no Rio de

Janeiro.

Abner de Vasconcelos, o primeiro aluno matriculado na Faculdade de Direito do Ceará, ingressou na magistratura e percorreu, com a integridade da sua toga e a percuciência atilada da sua luminosa visão espiritual, tôda a escala da severa e nobilitante carreira que abraçou. Promotor, juiz, desembargador, procurador geral do Estado e, hoje, Ministro do Tribunal de Recursos, na metrópole do País, freqüentemente convocado para a Suprema Côrte da Justiça Federal, tem enriquecido a bibliografia jurídica, em nossa Pátria, de trabalhos que tanto exalçam e recomendam os foros da jurisprudência brasileira.

Manteve na Casa do Barão de Studart o renome do seu augusto pai e é, sem favor, uma das afirmações mais fulgurantes da operosidade, da ilustração, da honradez cearense.

Jaime de Vasconcelos, César de Vasconcelos e Waldo de Vasconcelos ocupam posição do mais destacado realce na esfera da advocacia, no Rio de Janeiro. São elementos que tornam, lá fora, recomendáveis e assinalados os méritos desta Escola, onde fizeram, para gáudio nosso, a sua formação de técnicos do Direito.

Nilo de Vasconcelos e Edgard de Vasconcelos obtiveram igualmente a láurea de bacharel nos cursos desta casa, tendo legado, ao falecerem, uma memória inapagável à terra que tiveram por berço e a que serviram com dedicação e honestidade, hauridas no manancial de virtudes cívicas e morais do exemplo paterno.

Nem foram menos salientes os méritos das filhas do venerando casal, Hilda, Ester, Carmen e Zaide de Vasconcelos, tôdas educadas a primor e revivendo, na sociedade, a distinção e a finura tradicionais da família.

Na Congregação Franciscana, trabalha em nossa terra, como religiosa capuchinha, na humildade seráfica e na solicitude pelo bem do próximo, a senhorinha Zaide de Vasconcelos, hoje Irmã Gabriela, Superiora da Casa de Repouso Sagrado Coração de Maria, em Messejana.

Temos, assim, patenteado a projeção que, na genealogia cea-

rense, alcançou a ilustre descendência do cidadão para quem, neste dia, se voltam as bênçãos e os louvores da Terra-Mãe.

Queremos reproduzir, a título de documentação, uma página digna de Antologia, da lavra do dr. Antônio Augusto de Vasconcelos. É modelo de estilo arrebatado, nos vãos da eloqüência e, ao mesmo passo, joia literária de fino quilate, genuinamente castiça.

O que há de singular, nestes períodos, borbulhantes de imaginação e de talento, é que os conceitos emitidos se aplicam, aqui e ali, de modo admirável a quem os escreveu. Nêles se reflete a sua personalidade, com encantadora exatidão, sem disto, por certo, se haver apercebido.

Está aí como que o auto-retrato do cidadão modelar, que se impôs, no seu meio, pelas cintilações do cérebro, e pelos predicamentos da alma.

«Admirar! É amar com o espírito. Amar! É admirar com o coração. São verbos que se completam, atitudes que se integram.

A natureza é uma maravilha, em que o espírito se abisma no mistério dos desiguais, todos harmonizados na sua finalidade. «Em tôdas as obras da natureza há o que admirar. Em todos os seres, sem exceção, há um reflexo do poder e da beleza de Deus»—diz Aristóteles.

Assim também na Humanidade, onde há robles e caniços, onde há ouro, prata e areia, tudo de tudo, enfim, que se ama e admira!

Uns que são vistos por todos, porque a todos serviram, outros por grandes zonas que lhes batem justas palmas; diversos por seus vizinhos e os restantes nem por si mesmos, porque de si esqueceram, como aquelas vírgens loucas que apagaram os seus círios.

Todos têm utilidades, mas o melhor que gozamos,—tôda a luz, todo o progresso—vem daqueles que se fizeram faróis da travessia, como as árvores gigantescas, cuja sombra e cujos frutos vão servindo aos caminhantes.

Sempre sábia a Providência! Cada lugar, cada tempo tem sementes de eleição, que florescem e frutificam em benefício dos outros.

São os grandes super-homens. Agesilau os qualifica de estátuas animadas, Éschilo, de trincheiras da pátria e Carlyle, dos melhores presentes que o Céu à terra oferece.

Êles sempre sobrenadam. Se tivesse de naufragar a Ciência do mundo, ficando sòmente Aristóteles, ficava tòda a Ciência, disse Kant, com razão.

E as sementes dos Aristóteles continuam a germinar, enriquecendo as idades.

«A história da Civilização, segundo Gustavo Le Bon, é a história dos grandes homens que vão se sucedendo, de idade em idade.

Os povos que não têm possuído tais homens não têm tido nem civilização nem história».

Ê que, dentre as potências que porfiam o cetro de soberano do Mundo, uma só tem primazia! O Poder vive inquieto, principalmente se lhe falta o prestígio da Justiça, que lhe dá brilho e renome; a Riqueza tem seus vai-vens e a Beleza é uma miragem, embora a mais empolgante. Tudo pode esmaecer. Só o Saber é a mais forte, a principal e mais brilhante, a que não perde o seu Tabor — *Omnia mea mecum porto* — que era o tesouro de Bias.

Só a Virtude não entrou na liça, porque nada quis da terra, olhando para o Céu».

Neste elogio apolíneo dos valores autênticos, neste panegírico bem lavrado dos epígonos mentais de uma nacionalidade, vemos sobressair a figura dominadora do conspícuo cidadão, a quem tributamos, nesta efeméride, a consagração do nosso maior respeito e reconhecimento.

Deixemos a biografia para os pequenos e mediócrs—aconselha Latino Coelho, citado por Antônio Augusto. Para as grandes inteligências, basta-lhes o nome, os feitos e a voz universal,

que os levanta e canoniza, acima do vulgo dos mortais.

Esta Faculdade de Direito, que se prepara para celebrar meio século de existência, se nos afigura valoroso atestado do merecimento e da benemerência do nosso inolvidável homenageado.

A êle se atribui, com todo fundamento, a idéia da instalação, nesta capital, do Solar Jurídico, por onde têm transitado distinguidos representantes da cultura cearense, nas letras, nas artes e nas ciências, na administração pública, na magistratura, nas lides parlamentares, no magistério, na advocacia e na imprensa.

Seja a celebração do Centenário do Dr. Antônio Augusto de Vasconcelos oportunidade feliz para estimular entre os moços o aturado zêlo no aprender e o denodo na constituição do caráter.

Enfrentamos mau tempo, que requer coragem e ânimo viril para superar a avassalante crise de decadência, só possivelmente vencida pela vitória da Moral e do Direito, da Razão e da Caridade.

Quando o câmbio da espiritualidade declina, triunfam as seduções do interesse subalterno, da irrefreada ganância dos bens materiais, da fome do ouro, da vaidade, do favoritismo e da ambição.

Sirvam de incentivo às gerações que despontam os lances de desprendimento altruístico e do civismo indefectível, de pobreza digna e de altivez edificante dêsse austero patriarca—varão de Plutarco a quem a Pátria amiga rende, neste dia, enternecido preito de saudade e gratidão.

«Merecimento—afirmou Antônio Augusto—é brilho que vem do Eu, não se tira nem se empresta; é o que é, como a verdade; revela-se a todo instante.

Pode a injustiça se armar dos dardos mais miserandos, não passa de vil poeira: a justiça brilha sempre! Deus não mente à sua obra! O estudo é sempre luz, o tempo—sempre riqueza».

Estas palavras traduzem, na realidade, a projeção dos fatos,

no tocante à glória do nosso ínclito coestadano.

«Não morre quem deixa semente—seja de luz ou de amor»!

Pronunciando Antônio Augusto esta lapidar sentença, traçou, evidentemente, para si mesmo, o destino imortal do seu ministério de sabedoria e de bondade!